

SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA E A PESQUISA

Maria Thereza Schorer PETRONE

O que chama atenção nas obras de Sérgio Buarque de Holanda, além da originalidade das abordagens dos temas, da fluidez da narração e da precisão da linguagem, é a pesquisa nas fontes. A pesquisa é, sem dúvida, uma das principais facetas que as obras do grande historiador Sérgio Buarque de Holanda apresentam. Pesquisas nas mais variadas fontes, procurando recuperar sempre documentos novos e amplas leituras complementares, mostram a grande versatilidade do historiador Sérgio Buarque de Holanda, cujo centenário de nascimento se comemora em 2002. Muita pesquisa, diálogo com a bibliografia e muita reflexão levam esse historiador a argutas interpretações do passado.

Suas obras podem ser definidas como multifacetadas, abordando um vasto leque de temas, com encaminhamentos inusitados e consulta a imensa documentação. Usa todos os caminhos possíveis, recorrendo, não só a métodos e teorias próprias dos historiadores, como também ao auxílio de outras ciências humanas, tais como a antropologia, a sociologia, a filosofia ou a literatura. Procura por os resultados das pesquisas sob o enfoque multidisciplinar. Usa com grande erudição procedimentos e informações de todas as ciências humanas.

Um exemplo seria o capítulo “São Paulo” (in História Geral da Civilização Brasileira, Brasil Monárquico Tomo II, Vol. 2) em que o historiador não se impôs restrições ou limites para descrever e interpretar o assunto, indo desde o cultural até o econômico, passando pelo político e social, sempre usando ampla e variada documentação.

Para conhecer o que Sérgio Buarque de Holanda pensava da pesquisa, conviria ler o prefácio ao livro do antropólogo Emilio Willems “Cunha-Tradição e Transição em uma Cultura Rural do Brasil”, em que diz

ser oportuno “salientar até onde as pesquisas como a de Emilio Willems podem ser de préstimo nos estudos de história. Cabe agora, e para terminar, insistir que a recíproca também é verdadeira”. E, é justamente por essa facilidade de transitar por tantos campos das ciências humanas, que suas obras, além de um rigor extraordinário quanto ao empírico, se tornam instigantes e, por que não dizê-lo, agradáveis de serem lidas. Recorrendo a dados até então desprezados pelos historiadores e dispersos em inúmeros documentos, usando algumas técnicas de antropologia, procurou desvendar um passado pouco conhecido em que o cotidiano desempenha papel interpretativo em “Caminhos e Fronteiras”.

A documentação que Sérgio Buarque de Holanda usa é vastíssima e diversificada; vai desde escritos medievais até fontes encontradas nos arquivos de Cuiabá, de São Paulo, do Rio de Janeiro ou de outro município. Recorre a documentos existentes na Europa, na América, relembra obras clássicas da historiografia ou que narram aspectos pouco conhecidos do passado, sem esquecer as de cronistas e de viajantes e as coleções de documentos publicados.

Embora tivesse profundo conhecimento de teorias e de métodos a serem usados pelos historiadores em seus trabalhos, pouco se refere a eles. Para verificar o quanto conhecia as ferramentas teórico-metodológicas e com que habilidade e erudição as usava, basta ler “O atual e o inatual na obra de Leopold von Ranke” na Revista de História, num. 100. No entanto, o encaminhamento da narração de seu objeto de pesquisa e a reflexão sobre os dados empíricos, raramente apresentam uma discussão teórico-metodológica. Teoria e método fluem naturalmente no jeito de abordar o tema. Em fim, o grande historiador não se tornou refém da grande mania que dominou o ensino da História nas universidades principalmente a partir da década de 1960, quando, por uma “mão invisível”, se impôs que nenhum trabalho de história pudesse ser escrito sem uma introdução teórico-metodológica, que depois se verificava muitas vezes sem relação com o encaminhamento do assunto.

Sérgio Buarque de Holanda em seus comentários críticos publicados em jornais e em revistas usa abundantemente dados oriundos de suas pesquisas em documentos, como acontece com a apreciação do livro de Gilberto Freire “Ingleses no Brasil”. Mostra com extrema habilidade que o pão e o trigo eram conhecidos no Brasil muito antes de 1808, quando,

segundo o estudioso pernambucano, os ingleses o teriam introduzido. Invoca para tanto grande número de fontes do período colonial como a documentação paulistana, baiana, mineira, dos Campos Gerais, etc. Por fim, cita um Almanaque do Rio de Janeiro, de 1794, para demonstrar o engano cometido pelo estudioso pernambucano.

Sempre usava as fontes com muito cuidado, fazendo uma triagem crítica rigorosa. No prólogo a “Historia de Nicolás I: Rey del Paraguay e Emperador de los Mamelucos”, Sergio comenta a posição de Voltaire quanto a este episódio e afirma “que o historiador nunca pode fazer uso das vagas notícias”... “sem antes tê-las submetido às regras cartesianas”.

Ainda poderia se citar o debate de Sérgio com Jaime Cortesão em “Um Mito Geopolítico; a ilha Brasil” (in Tentativas de Mitologia) em que argumenta de maneira conclusiva com seu inesgotável conhecimento da documentação pertinente. Com informações baseadas nas mais variadas fontes, realiza uma discussão em alto nível, conseguindo convencer inteiramente... e o aprendiz de historiador teria muito a ganhar, lendo atenciosamente este trabalho e observar acuradamente como os documentos foram usados.

O historiador Sergio também não se prendia a modismos, embora conhecedor e debatedor de tudo de novo que aparecesse no campo da historiografia. Sabia separar modismos esteréis de trabalhos realmente inovadores com temáticas interessantes que alargassem o conhecimento do passado. E isso se percebe em toda sua obra, seja em artigos, seja nos seus livros mais consagrados; em tudo aparece a atenta pesquisa em fontes.

Incansável nas pesquisas de sempre nova documentação, o historiador não raro chama atenção sobre problemas da historiografia brasileira, problemas esses que vão desde a ausência ou descuido com a documentação, até a interpretações apressadas desvinculadas dos resultados dos estudos das fontes.

Mostra a ênfase que a historiografia dá a certos assuntos, deixando de lado outros que se interpenetram e que também precisam de pesquisa para uma melhor interpretação do passado. Achava importante estudar “certos aspectos da história do Brasil, freqüentemente obscurecidos pela atenção absorvente que se tem dado a fenômenos tais

como “sociedade patriarcal”, “feudalismo”, lavoura latifundiária e pela obstinada cegueira diante da marca do capitalismo internacional presente na formação brasileira desde os inícios”, como escrevê no prefácio do livro “O Barão de Iguape; Um Empresário da Época da Independência” de minha autoria.

Seus trabalhos revelam essa preocupação, como por exemplo a introdução à “Memória de um Colono no Brasil” de Thomas Davatz, o artigo “Movimentos da população em São Paulo no século XVII” (in Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, num. 1, USP), os livros “Caminhos e Fronteiras”, “Monções”, “Visão do Paraíso” e muitos outros trabalhos. Aliás, escreve na introdução do livro de Davatz que o historiador deve deixar falar “a multidão imensa dos figurantes mudos que enchem o panorama da história e são muitas vezes mais interessantes e importantes do que os outros, os que apenas escrevem a história”. E aí que está justamente a importância do historiador Sergio Buarque de Holanda. Ele abriu caminhos novos, influenciou um grande número de pesquisas de temas pouco conhecidos e levou toda uma geração de historiadores de São Paulo, principalmente da USP, a uma reflexão mais acurada sobre a pesquisa na documentação e a procura de sempre novas fontes.

Criatividade, espírito crítico, dialética, teoria e estilo estão sempre a serviço do novo interpretativo que a pesquisas nos documentos pode revelar. É sempre a procura de documentos - às vezes árdua - que dirige o desenvolver de toda sua obra. Para terminar, convém transcrever o depoimento de Suely Robles Reis de Queiroz (in Sérgio Buarque de Holanda, Vida e Obra): “Com ele aprendemos a valorizar a garimpagem nas fontes, a procurar o fio da História em elementos aparentemente sem ligação entre si, acautelarmo-nos com os modismos, a manter a preocupação com a historicidade”.